

**Atividade Científica Decorrente da Dissertação de Mestrado
Universidad Del Sol – UNADES – Paraguai - PY**

**A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: escola e comunidade na prevenção e
enfrentamento das violências no Colégio Estadual Maria Barreto –
Israelândia-GO/2022**

MARILENE LOPES DA COSTA TOSTA

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em **Ciências da Educação da UNADES - PY**. Área de concentração: **Educação**. Curso de Mestrado em Ciências da Educação.

Período de realização: janeiro/2021 a janeiro/2023
Orientador (a): Prof^o Dr^o Juan Ireneo Barreto Ascona

RESUMO

Este artigo discute o problema da violência escolar e sua relação com a gestão, destacando conceitos sobre a violência, como ela se manifesta na sociedade e nas escolas, oferecendo algumas reflexões sobre o papel dos gestores. A violência é um fenômeno que destrói Estados, povos e famílias e permeia as mais diversas esferas sociais e sociedades. A violência escolar possui características específicas, que estão intimamente relacionadas ao ambiente escolar e às pessoas que nele vivem. Nesse contexto, objetivou-se, nesta pesquisa, analisar as ações das gestões escolares para combater e prevenir a violência escolar sob uma perspectiva democrática. O método empregado foi o qualitativo, baseado nos pressupostos da análise de conteúdo (Bardin); e realizou-se um estudo de caso, em uma escola pública de ensino em Israelândia - GO, por meio de observação, entrevistas e análise de documentos. Os resultados demonstraram que as escolas começaram a refletir e reconfigurar suas práticas, ainda que precocemente, com as relações de poder democratizadas e a ação coletiva, timidamente estabelecida, para superar os desafios que se colocam à escola. A democratização das relações de poder ajuda a diminuir a indisciplina e a violência nas organizações investigadas. A efetiva democratização do poder, nas escolas, ainda não foi alcançada, mas os primeiros passos nessa direção já foram dados.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Políticas educacionais. Violências na Escola.

**DEMOCRATIC SCHOOL MANAGEMENT: school and community in preventing and coping
with violence at Colégio Estadual Maria Barreto – Israelândia-GO/2022**

Abstract

This article discusses the problem of school violence and its relationship with management, highlighting concepts about violence, how it manifests itself in society and in schools, and offers some reflections on the role of managers. Violence is a phenomenon that destroys States, peoples and families and permeates the most diverse social spheres and societies. School violence has specific characteristics, which are closely related to the school environment and the people who live in it. In this context, the objective of this research was to analyze the actions of school administrations to combat and prevent school violence from a democratic perspective. The method used was qualitative, based on the assumptions of content analysis (Bardin), and a case study was carried out in a public school in Israelândia - GO, through observation, interviews and document analysis. The results showed that schools began to reflect and reconfigure their practices, albeit early, with democratized power relations and collective action timidly established to overcome the challenges facing the school. The democratization of power relations helps to reduce indiscipline and violence in the investigated organizations. The effective democratization of power in schools is still a long way off, but the first steps in that direction have already been taken.

Keywords: School Management. Educational policies. Violence at School.

**GESTIÓN ESCOLAR DEMOCRÁTICA: escuela y comunidad en la prevención y
enfrentamiento de la violencia en el Colégio Estadual Maria Barreto – Israelândia-GO/2022**

Resumen

Este artículo analiza el problema de la violencia escolar y su relación con la gestión, resalta conceptos sobre la violencia, cómo se manifiesta en la sociedad y en las escuelas, y ofrece algunas reflexiones sobre el papel de los directivos. La violencia es un fenómeno que destruye Estados, pueblos y familias y permea las más diversas esferas sociales y sociedades. La violencia escolar tiene características específicas, que están estrechamente relacionadas con el entorno escolar y las personas que en él viven. En este contexto, el objetivo de esta investigación fue analizar las acciones de las administraciones escolares para combatir y prevenir la violencia escolar desde una perspectiva democrática. El método utilizado fue cualitativo, basado en los supuestos del análisis de contenido (Bardin), y se realizó un estudio de caso en una escuela pública de Israelândia - GO, a través de observación, entrevistas y análisis de documentos. Los resultados mostraron que las escuelas comenzaron a reflexionar y reconfigurar sus prácticas, aunque temprano, con relaciones de poder democratizadas y acciones colectivas tímidamente establecidas para superar los desafíos que enfrentaba la escuela. La democratización de las relaciones de poder ayuda a reducir la indisciplina y la violencia en las organizaciones investigadas. La democratización efectiva del poder en las escuelas aún está lejos, pero ya se han dado los primeros pasos en esa dirección.

Palabras clave: Gestión Escolar. Políticas educativas. Violencia en la escuela.

INTRODUÇÃO

A educação tem a função de promover estratégias que afetem a formação e o exercício da cidadania. Quando esse objetivo não é alcançado, é preciso refletir e repensar certas práticas e atitudes.

A escola, como instituição, precisa saber que deve desenvolver disciplinas socialmente integradas para transformar positivamente a sociedade. Se a escola forma o indivíduo para o bem da sociedade, então o meio escolar e o meio social devem manter uma relação recíproca, para que a educação transcorra sem problemas. Portanto, existe a opinião de que precisa haver uma colaboração mútua entre a esfera social e a dimensão escolar, principalmente no que diz respeito ao ambiente externo em que a unidade educacional está inserida.

O comportamento educativo requer práticas interpessoais típicas, pois no cotidiano escolar lidamos com sujeitos que se comportam de forma diferente e são influenciados por diversos fatores (moradia, crenças, classe social, ambiente familiar, etc.), por isso é importante que o espaço escolar seja um local onde predominam as práticas democráticas, que vão desde o respeito à diferença, à consciência ética, à participação ocorrendo e incentivada.

Neste estudo, buscou-se compreender melhor o que é a gestão escolar democrática e tudo o que ela pratica. Esperou-se expor de forma clara e objetiva a relevância dos programas de política pedagógica e dos conselhos escolares para a gestão democrática e enfatizar o impacto e a importância da integração dos programas de política pedagógica e dos conselhos escolares. A colaboração entre comunidades e escolas mostra que existem possibilidades e medidas práticas para facilitar essa inter-relação.

Este trabalho foi construído por meio de pesquisa bibliográfica, amparado no conhecimento de teóricos. Adotou-se, também, o método de investigação *in loco*, por meio de questionários e observações, para compreender a realidade da gestão escolar de uma escola, visando traçar possíveis estratégias, com base na gestão democrática, para integrar escola e comunidades.

Promover a integração escola/comunidade não é impossível na prática, mas a gestão escolar precisa estar disposta a trabalhar arduamente para garantir essa inter-relação colaborativa e de apoio mútuo, se modelada na gestão escolar democrática.

Especificamente, na pesquisa realizada em torno do tema, constatamos que Maciel (2004) abordou a violência nas escolas públicas brasileiras, em estudo composto por uma amostra de diretores de escolas relevantes. A pesquisa realizada por Silva (2004) envolveu programas desenvolvidos pelo estado e gestores escolares para engajar as comunidades no combate à violência nas escolas brasileiras. Hayasida (2005) se concentrou em estudar a violência em relação às questões de governança e poder dentro das escolas e, também, discute questões de indisciplina, incivilidade, *bullying* e resiliência, que são vistas como intimamente relacionadas à forma como as organizações são geridas; com foco na existência, uma avaliação das operações administrativas da escola foi realizada, por meio de grupos focais,

entrevistas e observação participante.

Embora semelhantes à nossa pesquisa, esses estudos estabelecem a relação entre gestão escolar e violência, mas não na perspectiva da gestão coletiva participativa. Hayasida (2005) propõe uma abordagem do poder escolar, mas de uma perspectiva autoritária, que, portanto, difere de nossa investigação, que enfoca as relações de poder escolar como mediadoras na prevenção e combate à violência no ambiente escolar.

Buscamos, assim, contribuir para o aprofundamento desse debate, investigando aspectos da gestão escolar e da violência, ainda pouco explorados nas pesquisas apresentadas, estabelecendo a relação entre gestão escolar democrática, relações de poder e seu impacto na violência escolar.

Objetivos

Objetivo Geral:

Analisar as ações desenvolvidas pela gestão escolar numa perspectiva democrática, em parceria com a comunidade visando prevenir e enfrentar as violências no Colégio Estadual Maria Barreto no município de Israelândia GO/ 2022.

Objetivos Específicos:

- Investigar a importância do Projeto Político Pedagógico para manter uma postura democrática em meio ao processo educacional;
- Analisar as estratégias do Conselho Escolar para o bom funcionamento da gestão democrática;
- Investigar questões relativas ao desenvolvimento emocional do adolescente e a violência que envolve os jovens no Colégio Estadual Maria Barreto no município de Israelândia GO/ 2022;
- Refletir sobre as questões que giram em torno da violência escolar na busca de estratégias a serem adotadas pela escola para amenizar a violência dentro deste contexto;
- Apontar as ações da gestão democrática em parceria com a comunidade escolar, que visam o fim da violência no espaço escolar.

Metodologia

O estudo é descritivo e exploratório, cujos resultados são apresentados a seguir. Com base na coleta de dados relacionados à realidade da pesquisa, essa abordagem dá conta de fatos que fazem parte da dinâmica do ambiente de pesquisa, traduzindo as percepções dos

participantes envolvidos no contexto analisado pelo pesquisador.

Métodos qualitativos são utilizados de forma relevante para ampliar o leque de dados disponíveis para facilitar a análise da dinâmica da violência escolar com o objetivo de identificar o papel da gestão.

Procuramos diversificar os instrumentos de coleta de dados dada a amplitude dos temas abordados e a diversidade das realidades estudadas. Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1999) argumentam que "para realizar uma pesquisa é necessário facilitar o confronto entre dados, evidências, informações recolhidas sobre um tema e conhecimento teórico acumulado". Para confirmar essa ideia, além do aprofundamento teórico, foram utilizadas as seguintes ferramentas: Coleta de dados: análise de documentos, observações direcionadas, entrevistas com sujeitos envolvidos no processo de gestão e questionários com alunos e professores.

Resultados

Como explicamos em nossa discussão teórica, entendemos a indisciplina escolar como o descumprimento das regras estabelecidas pela escola, que se traduz em desrespeito (saque de instalações) para com alunos, professores e, até mesmo, com a própria instituição escolar. Na perspectiva de Curry e Ferreira (2009), no grupo escolar, encontramos um roteiro prático para todos da escola.

Os sujeitos notaram que a indisciplina era o fenômeno mais comum nas escolas e geralmente estava relacionada ao comportamento dos alunos. No entanto, descobrimos que as famílias podem ser as autoras ou incentivadoras da indisciplina escolar.

Os funcionários demonstraram uma série de características que moldavam suas percepções de infrações, todas relevantes para as práticas dos alunos. Não há menção a quaisquer circunstâncias que tornem possível que funcionários ou outras entidades atuem de forma indisciplinada. Esses sujeitos interpretam a indisciplina como um aluno agindo contra a norma ou demonstrando desrespeito ao professor. Logo, o sujeito assume não saber o que é indisciplina (GOMES, 2003).

Observamos que, embora o sujeito tenha definido o conceito de indisciplina com mais precisão do que o conceito de violência, encontramos alguma incoerência ou confusão ao tentar definir o que seria indisciplina.

Gisi (2011) alerta que, em muitos casos, a indisciplina é interpretada pelas escolas como violência. Mas encontramos uma definição mais precisa correspondente ao que defendemos em outro discurso: uma indisciplina é quando ele não segue as regras da escola e,

se um aluno não cumprir suas obrigações, por exemplo, quando é obrigado a estar na sala de aula normalmente, ele comete uma indisciplina; quando ele estava na sala de aula não querendo fazer as atividades escolares, era indisciplina; quando um aluno chegava na secretaria, era impedido de entrar e ele invadia, era indisciplina.

Do ponto de vista do aluno, a indisciplina também é considerada um comportamento exclusivo dessas disciplinas. As violações mais comuns são alunos se opondo à norma, desrespeitando o professor e usando linguagem imprópria (ou palavrões).

Para explicar o que entendia como indisciplina, a aluna revelou um fato ocorrido na escola. Embora o incidente tenha sido uma violação da disciplina, ele também trouxe à tona a violência contra os professores e uma disputa de poder na instituição que, ao perder sua legitimidade, se transformou em manifestações violentas (FOUCAULT, 1995).

As perspectivas dos professores sobre esse aspecto, assim como as apresentadas em outras disciplinas, são descritivas e vinculadas à prática dos alunos, caracterizando-se por alunos que não cumprem as regras, desrespeitam o professor, usam linguagem imprópria ou perturbam a ordem.

Na verdade, quando um aluno zomba do professor, quando ele agride verbalmente um colega de classe, quando ele atrapalha a aula, quando ele grita com qualquer coisa, quando quer atenção, é uma falta disciplinar (LIMA, 1996).

Embora nosso conceito de indisciplina permaneça limitado à prática dos alunos, observamos nas falas desses sujeitos que há certa clareza sobre o que representa a indisciplina nas escolas. Traços descritivos também predominaram nas percepções dos gestores e nas percepções repetidas apontadas por outros sujeitos, por exemplo: oposição dos alunos às normas ou falta de respeito. Encontramos um depoimento descrevendo a indisciplina disciplinar como contrária às normas praticadas em qualquer disciplina da escola: “É quando o aluno, professor ou administrador não respeita os limites. Outro comportamento é quando quero que meus direitos sejam mais legítimos do que os direitos de outras pessoas. É quando eu conscientemente quebro as regras. Indisciplina gera violência” (Gestor).

Observamos que o conceito de indisciplina foi apresentado com certa clareza, pois se apresentou mais por meio de aspectos conceituais do que descritivos. Gostaríamos de destacar que a clara distinção entre indisciplina e violência pode se refletir na forma como lidam com esses fenômenos, podendo até distinguir entre capacidade e desempenho de escolas ou instituições legais.

Durante a visita, constatamos alguns casos de descumprimento de regras na escola, notados desde o primeiro contato, como o que aconteceu na sala de apoio ao professor, um

aluno caçoou do professor em sala de aula, foi repreendido tendo de complementar as atividades de sala de aula na biblioteca. De acordo com o relato da educadora de apoio, o aluno apresenta déficits de aprendizagem, recusa-se a cumprir tarefas, chega a atrapalhar o trabalho dos colegas, distraíndo-os, conversando ou confundindo-os, zomba/sarcasticamente de quem realiza a atividade proposta. O diálogo e o engajamento das famílias continuam sendo o principal mecanismo de resposta à violência, porém, alguns atores se recusam a cooperar com as escolas. Os professores também observaram que a prática mais duradoura na escola era reunir as famílias antes de desencadear outros incidentes, mas revelaram que o impacto dessa prática era insignificante.

Podemos dizer que a gestão escolar é a forma pela qual as instituições de ensino são coordenadas e organizadas para um melhor processo educacional. Devemos ter em mente os conceitos acima quando damos um caráter democrático à gestão escolar, mas devemos agregar ideias de cooperação mútua, poder compartilhado, consciência e sensibilidade às necessidades envolvidas no processo educacional (sociais, étnicas, religiosas, culturais, sexualidade, etc.), e buscam desenvolver o potencial dos envolvidos na educação para que a escola possa agregar ideias e estratégias de forma mais ampla (SILVA, 2004).

A gestão democrática da escola pública é um processo em que todos os setores da comunidade escolar participam efetivamente da tomada de decisão, recomendação, implementação, supervisão, fiscalização e avaliação.

A questão da gestão escolar democrática é, muitas vezes, entendida como uma oportunidade de expor uma ampla gama de ideias, ou seja, a gestão democrática é vista como um viés contra a multiplicidade de opiniões sobre os mais diversos assuntos que norteiam as escolas. Assim, corre-se o risco de limitar todas as possibilidades de ensinar e aprender da gestão, além da crença errônea de que um calendário escolar repleto de eventos comunitários é o que torna a gestão eficaz e democrática, porque, muitas vezes, esses eventos tornam-se corriqueiros, desgastantes e não contribuem para a escola porque podem não ser tão importantes (MENEZES; CASTELO BRANCO, 2009).

Dentre as características da governança democrática, podemos destacar a relevante contribuição do planejamento participativo para o processo de democratização da educação.

No planejamento participativo, procuram-se os métodos e estratégias mais adequados para a prática escolar e extra-escolar, tendo em conta a autonomia de cada indivíduo na tomada de decisões e projetos que possam surgir. No entanto, acredita-se que existe um problema no campo do planejamento participativo que tem raízes históricas e se reflete até hoje, devido ao caráter político das ações que requerem planejamento.

Vale ressaltar, com esse tipo de planejamento fica difícil entender como ele deve atuar de forma efetiva. Desse ponto de vista, o planejamento participativo pode ser uma ficção ou uma ilusão, onde parece que essa participação existe, mas na verdade ela não ocorre porque não há previsão de autonomia e poder na tomada de decisões. Assim, é o caso que, realmente, não aconteceu, foi apenas uma continuação da ação planejada.

O planejamento participativo é possível quando todos assumem um papel ativo, decisório e influente no planejamento. Portanto, temos um corpo inteiro de participantes, não apenas espectadores.

Para que um processo de planejamento participativo corra bem, deve ficar claro que todos são responsáveis pelo conteúdo do plano, caso contrário, é apenas uma participação superficial e involuntária, onde apenas uma pessoa concorda e não se posiciona firmemente contra o plano. Existe apenas um "Teatro Democrático" para o trabalho a ser feito: "O planejamento participativo propõe e deve implementar intervenções coletivas sociais, reflexivas e conscientes. Embora se desenvolva em microespaços sociais, pode desempenhar um papel estratégico e construir significado" (GOMES, 2003, p. 135).

Todos sabem que todos têm opiniões e conceitos diferentes, mas no planejamento participativo é imprescindível saber administrar bem esse fator para que não surjam situações de conflito.

A participação efetiva no processo de planejamento é fundamental, desde o momento em que são concebidos meios e métodos eficazes, para alcançar os resultados desejados sem ultrapassar os limites, implementando o caráter democrático da gestão, tendo sempre em vista a busca da melhor forma de promover a educação. É recomendado levar em consideração um maior grau de integração da escola ao ambiente comunitário, transformando a escola em um espaço democrático para o trabalho docente e todas as situações com os atores internos e externos à instituição.

A instauração da democracia escolar requer a participação dos sujeitos nos processos de decisão, enfrentamento e execução. Ninguém deve ser deixado para trás. Observamos que a administração tem lutado para alcançar essa clareza. Nós nos esforçamos para envolver e valorizar a participação de professores e funcionários. Da mesma forma, são desenvolvidas estratégias para atrair as famílias para a escola. Temos assistido a festivais organizados para esse fim. A escola organiza um dia de beleza para mães de alunas e alunas que já se tornaram mães. Um grupo de cabeleireiros e maquiadores foi convidado para prestar seus serviços gratuitamente. Na ocasião, diversas homenagens e eventos de grupo aconteceram ao longo do dia na tentativa de confraternização entre mães e profissionais da escola. A equipe gestora

envolvida na organização e animação do evento comentou sobre a redução do número de mães no período da tarde e destacou a importância da participação da família nas escolas. O evento terminou com um lanche de grupo. As mães expressaram satisfação no momento da participação. Informamos que este compromisso está longe de ser um verdadeiro compromisso e as questões que envolvem a agência. No entanto, a equipe que conduz a conferência acredita que a presença das famílias na escola, mesmo para as comemorações, pode quebrar as barreiras que as separam e abrir os seus corações a um maior envolvimento e compromisso com a escola para os seus filhos, mais tarde. Maffesoli (1987) notou que há necessidade de reflexão e amadurecimento nas escolas em torno da importância da participação, levando as escolas a reconhecer a necessidade de quebrar estruturas que não favorecem a construção de uma cultura de participação.

Diante da dificuldade de reorganizar o conselho escolar, as escolas estão defendendo com mais frequência reuniões de pais e professores para discutir questões escolares e fazer encaminhamentos. Duas das reuniões apresentaram a violência continuada como a agenda principal. Outras alternativas também foram consideradas, visando garantir a presença da família na escola e a participação na disciplina.

É claro que, na atualidade, o envolvimento da comunidade na ação escolar torna-se relevante porque as escolas refletem múltiplas dimensões do que acontece fora dos seus muros, pelo que não pode haver relação entre as instituições educativas e as comunidades. Ao contrário do que acontecia no passado, quando as escolas eram autônomas no processo educacional, hoje é difícil realizar a prática docente sem o apoio e a participação de todos que formam um determinado meio social.

Vale ressaltar que fatores relacionados a eventos da comunidade fora da escola têm impacto direto no cotidiano escolar, principalmente, eventos relacionados a questões sociais contemporâneas como avanços tecnológicos, aumento da frequência de violência e ocorrências de violência, bullying, que podemos considerar como alguns dos fatores que ocorrem com mais frequência.

A partir do momento que a escola e, principalmente, a gestão tomam conhecimento desses fatos, é urgente uma relação recíproca entre a comunidade e a escola porque, dessa forma, mais pode ser feito, visto que haverá uma parceria entre os dois. Grandes passos para um ensino melhor não se limitam às instituições escolares, mas a sociedade pode contribuir de forma positiva auxiliando a educação e buscando trabalhar com as escolas para que a cidadania seja construída por meio do processo educacional.

É importante que a comunidade perceba a importância do seu papel na educação. É

preciso se livrar da velha crença de que o processo educacional é responsabilidade exclusiva da escola e deve ser feito sozinho, sem um envolvimento mais amplo.

A escola não deve ser vista como detentora de toda a autonomia na educação, nem se posicionar como tal, sob pena de os desafios do ensino serem maiores do que seriam se trabalhasse em conjunto com a comunidade. Consideramos a particularidade e a contribuição que este trabalho pode trazer para a educação e, até mesmo, para o meio social, afinal, por mais que a escola faça sem participação social, todo o trabalho realizado será refletido em toda a sociedade no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um problema que vem sendo abordado dentro das escolas e não podemos mais ignorá-la. No entanto, os gestores escolares que estão diretamente envolvidos nas ações educativas não têm conseguido lidar bem com esse problema, o que mostra que seu preparo e a sua compreensão desse problema são insuficientes. Muitas vezes, na busca ansiosa por ações para amenizar o problema, o fracasso é inevitável, o que inerentemente piora o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar.

Essas ações atingem apenas superficialmente seu propósito fenomenal e produzem apenas efeitos visíveis. Ao lidar com a violência empregando violência maior e punições específicas, estaremos adiando este problema e minimizando seu impacto para que tudo fique claro, mais tarde. Vale ressaltar que vivemos em uma época em que o antigo modelo tradicional de escola não é mais aceito pelo público que a escola atende, razão pela qual uma transformação mais efetiva da forma como as escolas são administradas parece iminente, pois, ainda hoje, os métodos tradicionais merecem reflexão. Não se esquecendo de mencionar que o ambiente em que vivemos hoje é completamente diferente do que costumava ser e está em constante e rápida mudança.

Vemos que a sociedade dinâmica, de hoje, não exige mais a ditadura e a burocracia, anteriormente instauradas, mas uma abordagem participativa da gestão escolar.

De fato, as escolas não são mais capazes de realizar atividades pedagógicas e administrativas sozinhas. Precisam de estar em contato direto com a realidade que os orienta, de se deixarem permeiar pelo seu meio social, sob pena de o estabelecimento escolar ficar afastado de tudo o que possa afetar diretamente o seu comportamento, tornando-se alheio a todos. Os possíveis fatores só podem prejudicar o processo educacional e a construção cívica. Todos sabemos que escola essencial é aquela que abre as portas para todos, que exerce suas

funções democraticamente e com a ajuda das famílias, das comunidades e dos maiores interessados na educação. Alcançar tal realidade pode parecer impossível, dada a situação da educação no Brasil, mas não é. É claro que ter uma escola com as características de um ambiente escolar democrático é uma tarefa difícil e permanente, devendo ser uma tarefa maior assumida pela administração para que ela também seja democratizada.

As possibilidades de uma escola democrática e integrada à comunidade são muito mais amplas, atualmente, pois existem múltiplas formas de atingir essa realidade. O fato de as agências escolares terem PPPs com base nas aspirações das escolas e comunidades, e CEs que envolvem e colaboram, com membros da escola e da comunidade, é, em si, um sinal de grande progresso em direção aos objetivos e resultados da democratização da educação e do envolvimento da comunidade.

Vale ressaltar que, muitas vezes, a sociedade não entende o comportamento da escola apenas por conveniência (por achar que o comportamento educacional pertence apenas à escola), o que acaba gerando situações de conflito que surgem posteriormente, porque quando a escola não tem a participação do ambiente comunitário, o que pode acontecer é que a aprendizagem dos alunos terá uma possível lacuna que, a longo prazo, terá um impacto negativo na sociedade. Por isso, no processo de ensino há uma relação mútua entre a escola e a sociedade para que a educação seja garantida, Isso é muito importante, mas também é importante ver que mesmo que tenhamos essas escolas, as contradições sempre existirão.

Interagir com a comunidade é algo que as escolas fazem com frequência, mas principalmente de forma superficial. A escola deve ser uma extensão da sociedade, e a gestão democrática tem esse conceito. É impossível conceber um trabalho escolar democrático sem práticas que envolvam a participação, especialmente dos membros da comunidade.

A função da educação é fornecer os meios vitais que levam ao progresso social e, por sua vez, cumprir efetivamente seu papel como instituição educacional. No entanto, isso só acontecerá de fato se a gestão escolar agir de forma democrática, buscar a integração com a comunidade e levar em consideração todos os aspectos que o ambiente comunitário pode apresentar para alcançar uma educação que reflita, positivamente, os benefícios existentes. A escola tem a comunidade local como aliada.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1999.

CURY, C. J; FERREIRA, L. A. M. **A Judicialização da Educação**. Revista CEJ, Brasília, Ano XIII,

n. 45, p. 32-45, abr./jun. 2009.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GISI, M. L. **As políticas Educacionais e as Violências nas Escolas**. IN: *Violências nas Escolas: perspectivas históricas e políticas*. EYNG, A. M. Ijuí: UNIJUÍ, 2011. P. 41-65.

GOMES, Cândido Alberto *et al.*. **A Violência vista pela ótica de adolescentes escolarizados do Distrito Federal**. Brasília/DF: Universidade Católica de Brasília – 2003 (mimeo).

HAYASIDA, N. M. A. **Gestão, Poder e Violência Escolar**. 2005. 209p. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2005.

LIMA, Licínio. **Construindo modelos de gestão escolar**. Coleção: Cadernos de Gestão e Organização Curricular. Lisboa: Editora Instituto de Inovação Educacional, 1996.

MACIEL, M. J. O. **Escuta Galera: a violência nas escolas públicas da região metropolitana do Recife**. 2004. 358p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MENEZES, J.A.F; CASTELO BRANCO, M.F.F. **Estudo sobre o fenômeno do bullying e suas repercussões sócio-educacionais**. 19 pag. 2009. Tcc (Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2009.

SILVA, J. B. **A escola enfrenta a violência: dos projetos às representações docentes**. 2004. 219p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Paulista Júlio de Mesquita Filho/Pr. Prudent – UNESP, 2004.